

# Novas agressões de Pretória



Uma nova escalada agressiva por parte da África do Sul contra os países da Linha da Frente se avizinha. O recente atentado perpetrado pelo regime do apartheid contra Moçambique, alegando a existência de bases do ANC em Maputo, é disso sintoma

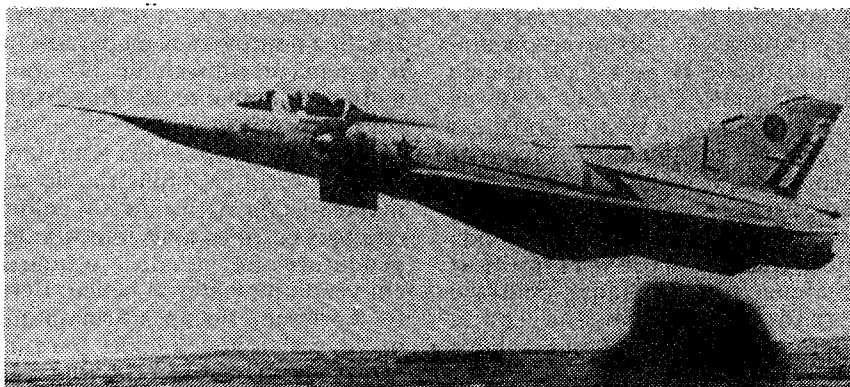
Etevaldo Hipólito

**A** onda de violência desencadeada pelo governo de Pretória na África Austral atingiu um novo auge, com a sabotagem no passado dia 17 de Outubro, no centro de divulgação da African National Congress existente em Maputo. As declarações públicas dos dirigentes "Boers" — em torno deste acto de terrorismo demonstraram que elas não vão apenas prosseguir como deverão assumir proporções cada vez mais críticas. O clima que se vive hoje na região é o de uma guerra não declarada, que apenas necessitava de uma gota de água para transbordar de vez. E é exactamente este ponto crítico que o grupo no poder na África do Sul tenta alcançar.

Eram três horas da manhã, quando o prédio onde se encontram os escritórios de informação do ANC foi abalado por potentes explosões. Em número de três, as bombas tinham sido colocadas no terraço do último andar e explodiram de forma sincronizada exactamente uma após a outra. Como resultado, ficaram feridas seis pessoas, quatro refugiados sul-africanos e dois moçambicanos moradores do edifício.

Se os resultados materiais foram inexpressivos em relação aos riscos colocados pelo operativo, no campo político Pieter W. Botha tentou arrancar alguns dividendos, através de uma bem montada

A impunidade das agressões sul-africanas só é possível pela supremacia aérea do exército do apartheid



campanha nos meios de informação. Toda ela foi construída para vender a ideia de que uma incursão contra um Estado vizinho não constitui agressão, desde que tenha como causa manifesta a destruição do ANC. Por outro lado, com renovada insistência, voltou a ser batida a tecla de a África do Sul se ter tornado a maior potência militar da região, apesar do bloqueio de armamento decretado pelas Nações Unidas.

Os despachos postos a circular de imediato por Pretória, indicavam que um comando dos serviços de segurança "Boer" havia dinamitado uma instalação militar do ANC, situada nas proximidades da residência oficial do Presidente Samora Machel, e em seguida tinha regressado incólume ao seu país. Por mais lacónica que fosse semelhante notícia, ela contém importantes elementos do ponto de vista da técnica de propaganda. O principal deles está em afirmar que o pretenso centro de operações e planeamento se encontraria a funcionar quase às portas do palácio presidencial. Com este tipo de afirmação, o que se procurava era sugerir um envolvimento directo de Moçambique na luta dos patriotas sul-africanos contra o regime do *Apartheid*. Uma vez estabelecida esta versão, torna-se fácil justificar qualquer tipo de ataque contra o território moçambicano, ou a outro país que se oponha à política racista de Pretória.

Foi precisamente isto que o general Magnus Malan, ministro da Defesa da R.S.A., fez quando veio a público anunciar e detalhar a realização do atentado. Na própria manhã do dia 17, o chefe militar entremeou elogios à forma como se desenvolveu o operativo, com ameaças directas ao país vizinho. "Enquanto Moçambique continuar a apoiar o ANC — afirmou perante jornalistas — novas operações serão desencadeadas contra o seu território". Como justificação para esta política de força, o ministro acusou os dirigentes moçambicanos de não só fornecerem abrigo aos patriotas, como ainda de os ajudarem no planeamento de "actos de terrorismo". Para acentuar a linha de actuação estabelecida pelo seu governo, Magnus Malan declarou com todas as letras

que Pretória não tinha ainda feito uso de todo o potencial militar disponível.

No dia seguinte, as emissões externas da Rádio Oficial voltariam a repetir as declarações, desta vez generalizando as ameaças de Malan. O mesmo tema seria retomado com maior ênfase no espaço dedicado ao comentário. Sempre citando especialistas da indústria bélica dos Estados Unidos e da Inglaterra, a emissora chegaria à conclusão de que a "África do Sul é hoje a maior potência africana, ao sul do Sara. Logo, será um amigo importante mas também um inimigo de temer". De acordo com o comentarista, parte deste poderio esteve presente numa parada militar recentemente realizada em Pretória. Entre outros equipamentos, o desfile apresentou o canhão "G-5", de terra e longo alcance, e ainda a sua versão móvel, o "G-6", que teria colocado a África do Sul na primeira linha no que se refere à produção do sector de artilharia. Um dos pontos altos da parada foi o sistema de mísseis de 127 milímetros, semelhante ao "Katyusha" soviético.

De toda a propaganda feita, uma coisa é certa: a indústria de armamentos da África do Sul coloca este país entre os mais importantes produtores do mundo e o quarto em venda de material bélico. Peritos norte-americanos afirmam que os "Boers" têm condições para fabricar armas de guerra que vão desde espingardas sofisticadas aos mais modernos sistemas de computadores. É claro que deixam de lado um pormenor revelador e tão importante, como o facto de este progresso ter sido possível graças ao apoio recebido dos países membros da Organização do Tratado do Atlântico Norte (NATO), que em nenhum momento respeitaram as restrições determinadas pelas Nações Unidas.

#### Apoio humanitário

Uma das reacções mais duras ao acto de sabotagem partiu do interior da própria África do Sul. Numa irada declaração largamente distribuída pelas agências noticiosas, o United Democratic Front (UDF) afirmava que os "Boers"

devem particularmente ser lembrados de que a sua política racial é a causa directa da crescente instabilidade tanto dentro como além das fronteiras do país. O ácido tom de censura percorreu as mensagens de solidariedade enviadas à representação do ANC e ao governo moçambicano. Nelas se exigia de Pretória a suspensão das agressões contra os territórios vizinhos e condenava-se a sua política de sistemática violação dos direitos humanos, prática esta inerente ao sistema de *apartheid*.

Por sua vez, em Maputo, Bob Thati, responsável pela representação do African National Congress, afirmaria a *cadernos do terceiro mundo* que os argumentos utilizados pelos "Boers" para justificar o atentado são demasiado conhecidos para que possam ser levados a sério. Esta gratuidade não permite, porém, que se ignore a ameaça real que o regime liderado por Pieter Botha significa para a África. No tocante aos territórios em redor da RSA, ele chamaria a atenção para o facto de, nesta parte do continente, um país poder dar dois tipos de apoio aos patriotas: político ou moral, quando condena os racistas de Pretória, ou de forma concreta à luta armada, ao permitir, por exemplo, a utilização de bases para atacar o inimigo.

"Aqui não existem bases do ANC e muito menos recebemos qualquer tipo de cooperação para o prosseguimento da luta armada dentro do nosso país" — sublinhou de forma enfática.

Esta situação foi comprovada mais uma vez. Por exemplo, por ocasião do primeiro ataque do regime racista contra residências de refugiados do ANC, em 1981, não se encontrou qualquer prova que pudesse confirmar as afirmações de Pretória de que estes alvos civis tinham alguma relação com a luta no terreno militar. Em Maio do corrente ano, quando se verificou o ataque aéreo contra o bairro da Matola, evidenciou-se a mesma coisa. Diplomatas e jornalistas estrangeiros que visitaram as instalações atacadas, constataram que elas não constituíam qualquer tipo de base de operações ou planeamento. Eram e sempre foram: uma creche para filhos de trabalhadores.

casas, residências e uma fábrica de sucos e doces de frutas.

Em pronunciamento recentemente feito sobre a evolução da luta no seu país, Oliver Tambo, Presidente do ANC, disse que a sua organização não necessita de bases nos países da Linha da Frente. Os nacionalistas encontram-se solidamente implantados no seio da população, o que lhes permite combater o inimigo de dentro. Também não ignoram os problemas colocados pela dependência económica existente em relação a Pretória e as limitações que esta situação naturalmente determina. Todos os centros de planeamento e operações do ANC encontram-se, de facto, no interior das fronteiras sul-africanas. Os racistas, no entanto, pretendem ignorar esta situação real e lançam ataques contra os países vizinhos em lugar de tentar combater o ANC onde ele se encontra actuando de forma concreta.

Quando os membros da Linha da Frente recebem refugiados da África do Sul, esta decisão é tomada tendo em consideração apenas factores de ordem humanitária. Desta forma, preenchem um papel internacionalista. Por outro lado, alguns destes refugiados vão para países como a Inglaterra, sem que isto possa significar que o governo de Margaret Thatcher esteja a apoiar a luta armada. Do ponto de vista do ANC, a primeira-ministra oferece somente apoio humanitário.

### Porquê as agressões

Ao concretizarem as suas ameaças contra as nações da África Austral, os "Boers" não o fazem por mero capricho. Pesando sobre esta atitude estão problemas de âmbito interno e externo, que a própria natureza do sistema de *apartheid* impede de encontrar soluções reais. Em primeiro lugar, a pressão dos grupos oposicionistas, dos quais o ANC emerge com maior força, obriga o governo a combinar a repressão com acções espectaculares, estas concebidas também no sentido de dar alguma resposta à intranquila minoria racista. No plano externo, encontra-se a necessidade de bloquear o

O alvo preferencial dos ataques do regime de Pieter Botha (ao lado) é a população civil. Em cima o funeral das vítimas do ataque a Matola em Maio deste ano

projecto de independência económica pouco a pouco implantado pelos países membros da Conferência para a Coordenação do Desenvolvimento na África Austral. A consolidação da SADCC, terá como resultado o rompimento definitivo dos fortes laços de dependência no momento existentes com Pretória. De todo este quadro não está ausente o imperialismo Norte-Americano, pois os seus planos para a região não incluem uma África do Sul revolucionária,

solidária com os estados vizinhos na luta para liquidar estruturas políticas, económicas e sociais anacrónicas. Aceitar semelhante situação seria condenar-se a perder uma das áreas estrategicamente mais importantes do mundo. Daí o apoio ao *apartheid* e à cobertura dada no sentido de transformar em "Centro Operacional" um simples local de distribuição de impressos sobre os avanços do povo sul-africano no combate ao regime racista, minoritário e ilegal de Pretória. □

Daniilo Guimarães

